

CAPÍTULO III: A VIDA SIMBÓLICA (OBRAS COMPLETAS DE C. G. JUNG - VOL. XVIII/I)

Foram feitas duas perguntas ao professor JUNG:

A primeira, *se ele tinha alguma idéia de qual poderia ser o próximo passo do desenvolvimento religioso. Seria concebível, por exemplo, uma nova revelação - como alguns a denominariam, uma nova encarnação do mestre do mundo, uma nova interpretação e uma nova compreensão do sentido exotérico do cristianismo - talvez com a ajuda da psicologia? Ou não haveria uma expressão coletiva, mas um período em que toda pessoa deveria fazer seu próprio contato individual e desenvolver seu estilo pessoal?*

A segunda, *como explicar que os fiéis católicos não estariam sujeitos a neuroses, e o que poderia ser feito pelas Igrejas protestantes contra II tendência de seus membros a distúrbios neuróticos?*

608 Não sou tão ambicioso quanto as perguntas que me foram feitas! Gostaria de começar com a segunda pergunta, sobre os católicos, que até agora não recebeu a devida atenção, mas que, tecnicamente considerada, merece ser vista com todo o respeito.

609 Os senhores me ouviram dizer que os católicos são menos ameaçados por neuroses do que os membros de outras confissões religiosas. Evidentemente também há católicos neuróticos, mas é fato que em meus quarenta anos de experiência não tive mais que seis católicos praticantes entre meus pacientes. Naturalmente não conto aqueles que *tiveram algum contato* com católicos, ou aqueles que se denominavam católicos romanos mas não praticavam; porém, católicos praticantes, não tive mais que seis. Esta é a experiência também de meus colegas. Em Zurique estamos cercados por cantões católicos; a Suíça não chega a ter dois terços de protestantes e o resto é católico. Além disso, temos fronteira com o sul da Alemanha que é católico. Por isso deveríamos ter um número considerável de pacientes católicos, mas não é o caso; temos muito poucos.

610 Certa vez um estudante de teologia me fez uma pergunta bem interessante: se, conforme minha opinião, as pessoas de hoje, com problemas psicológicos, procuravam mais o médico ou um sacerdote ou pastor. Respondi que não sabia no momento, mas que haveria de me informar. Tive a idéia de fazer uma pesquisa, enviando um questionário com perguntas detalhadas. Não fui eu que elaborei o questionário, pois neste caso a pergunta seria de antemão um pré-julgamento e a resposta ficaria prejudicada. Confiei pois o questionário a pessoas que não se sabia que eram minhas conhecidas ou que tivessem algum relacionamento comigo. Elas despacharam o questionário e recebemos centenas de respostas interessantes. Aí estava a prova do que eu já sabia. Porcentagem muito alta - a grande maioria - dos católicos disse que iria ao sacerdote e não ao médico se tivesse problemas psicológicos. A grande maioria dos protestantes disse que iria naturalmente ao médico. Recebi grande número de respostas de familiares de pastores e quase todos disseram que não procurariam o pastor, mas o médico (Posso falar sobre isso bem à vontade, pois sou filho de pastor e meu avô era uma espécie de bispo; tive cinco tios, todos eles pastores; portanto conheço bem o assunto! Não tenho nenhuma atitude hostil para com o clero, muito ao contrário, mas isto é um fato). Também recebi respostas de judeus, mas nenhum deles falou em procurar o rabino - isto jamais lhe viria à mente. Um chinês me deu uma resposta clássica: "Quando sou jovem vou ao médico, quando sou velho procuro o filósofo".

611 Havia respostas também de representantes do clero. Quero mencionar uma resposta que acredito não seja de forma alguma representativa, mas que lança certa luz sobre um tipo específico de teólogo. Dizia o respondente: "A teologia nada tem a ver com a pessoa propriamente dita". Então, com o que ela tem a ver? Poderia alguém dizer: "com Deus". Mas ninguém vai querer me dizer que a teologia se ocupa com Deus neste sentido. A teologia na verdade é destinada aos homens, se é que ela tem algum destino. Eu diria que Deus não precisa de teologia. A resposta é sintomática de certa atitude que explica muita coisa.

612 Até agora falei de minhas experiências neste campo, mas recentemente se fizeram estatísticas na América sobre a mesma questão, apenas sob outro ângulo. Trata-se de uma espécie de avaliação do número de complexos ou de manifestações dos complexos nas pessoas. O menor número ou as menores características de complexos foram encontradas em católicos praticantes, número bem maior foi encontrado entre os protestantes e maior ainda entre os judeus. Isto foi constatado independentemente de minhas pesquisas; um colega meu dos Estados Unidos fez esta pesquisa¹ e ela confirma o que lhes disse.

613 Deve, portanto, existir algo na Igreja Católica que explique este fato peculiar. Logo de saída, pensa-se na confissão. Mas este é apenas o aspecto externo. Por acaso sei muita coisa sobre a confissão porque muitas vezes tive que lidar com o clero católico, sobretudo com os jesuítas que se ocupavam com psicoterapia. Há muitos anos o clero católico estuda a psicoterapia; acompanhou cuidadosamente seu desenvolvimento. No início eram apenas os jesuítas, mas agora ouvi dizer que os beneditinos também o fazem. Existe na Igreja Católica uma antiga tradição do "diretor de consciência" - uma espécie de dirigente de almas (diretor espiritual). Esse diretor espiritual tem grande experiência e treino neste trabalho e muitas vezes me admirei da sabedoria com que os Jesuítas e outros padres católicos aconselhavam seus pacientes.

614 Aconteceu recentemente que uma paciente minha, uma senhora muito nobre que tinha por confessor um jesuíta, discutiu com ele todos os pontos críticos da análise que fizera comigo. Naturalmente, algumas coisas não eram bem ortodoxas e eu estava ciente de que havia um grande conflito em sua mente; aconselhei-a por isso a discutir esses assuntos com o confessor (Era um jesuíta famoso, agora falecido). Após essa conversa franca, contou-me tudo o que ele lhe dissera; ele confirmara tudo o que eu lhe havia dito - o que me causou surpresa, sobretudo por ter vindo da boca de um jesuíta. Isto me abriu os olhos para a sabedoria e cultura fora do comum do diretor católico de consciência. Isto explica até certo ponto por que o católico praticante vai de preferência a um sacerdote.

615 É fato que há relativamente poucos católicos neuróticos, contudo vivem nas mesmas condições que nós. Provavelmente sofrem sob as mesmas condições sociais que nós, sendo de se esperar também muitas neuroses. Deve haver algo no culto, na verdadeira prática religiosa, que explique o fato peculiar de haver menos complexos, ou de estes complexos se manifestarem muito menos nos católicos do que em outras pessoas. Este algo é, além da confissão, o próprio culto. É, por exemplo, a missa. O cerne da missa contém um mistério vivo, e é isso que funciona. Por "mistério vivo" não pretendo significar algo misterioso; uso "mysterium" aqui no sentido que sempre teve - um "mysterium tremendum". Mas a missa não é o único mistério na Igreja Católica. Há outros mistérios. Eles já começam na preparação simples das coisas na Igreja. Tomemos, por exemplo, a preparação da água batismal - o rito da bênção da fonte batismal na noite da vigília pascal. Aí se pode ver que ainda se realiza uma parte dos mistérios de Elêusis.

616 Se perguntarmos a um sacerdote comum algo sobre essas coisas, não saberá explicar. Ele nada conhece disso. Certa vez pedi ao bispo de Friburgo na Suíça que nos enviasse alguém para explicar o mistério da missa. Foi um desastre; não conseguiu transmitir quase nada. Só conseguiu confessar a admirável impressão, a maravilhosa sensação mística, mas não soube explicar o porquê dessa sensação. Eram apenas emoções, e nós não pudemos fazer nada com isso. Mas quando nos aprofundamos na história do rito, quando tentamos compreender toda a estrutura desse rito, incluindo os demais ritos que o cercam, vimos que é um mistério que vai até aos inícios da história da mente humana. Ele retrocede muito - muito além dos inícios do cristianismo. Sabemos que partes importantes da missa, como por exemplo a hóstia, pertenciam ao culto de Mitra. No culto de Mitra usava-se pão, marcado com uma cruz ou dividido em quatro partes; usavam-se pequenos sinos e água batismal - isto sem dúvida é pré-cristão. Temos, inclusive, textos que comprovam isso. O rito da água divina, ou da *aqua permanens* ("água

¹ HENRY A. MURRAY, em suas "Conclusões" de *Explorations in Personality. A Clinical and Experimental Study of Fifty Men of College Age*, editado pelos colaboradores da clínica psicológica de Harvard, sob a coordenação de Murray (1938), p. 739, parte 17. Citado também em JUNG, *A psicoterapia e a atualidade*, par. 218.

eterna"), é uma concepção alquímica, mais antiga do que o uso cristão. E quando se estuda a *benedictio fontis*, a preparação propriamente dita da água, vemos que se trata de um procedimento alquimista; e temos um texto do primeiro século, do pseudo-DEMÓCRITO, que informa sobre a finalidade da bênção.

617 São fatos reais e comprovados. Eles apontam para a pré-história, para uma continuidade de tradição que remonta a séculos antes do nascimento de Cristo. Estes mistérios sempre foram a expressão de uma condição psicológica fundamental. A pessoa externa suas condições psicológicas fundamentais e mais importantes neste rito, nesta magia, ou qualquer nome que possa ter. E o rito é o desempenho cultural desses fatos psicológicos básicos. Isto explica por que não se deveria mudar nada no rito. Um rito deve ser realizado segundo a tradição e, se houver nele qualquer mudança que seja, incorre-se em erro. Não se deve permitir que a razão nele interfira. Tomemos, por exemplo, o dogma mais difícil, o dogma da concepção virginal: é absolutamente errado querer racionalizá-lo. Se o deixarmos como está, como nos foi transmitido, então ele é verdadeiro; mas se o racionalizarmos, ele é falso, porque está sendo deslocado para o campo do intelecto brincalhão que não entende o mistério. É o mistério da virgindade e da concepção virginal, e isto é um fato psicológico da máxima importância. É lamentável que não mais o compreendamos. Mas, os senhores sabem que em séculos mais remotos as pessoas não precisavam desse tipo de compreensão intelectual. Somos muito orgulhosos disso, mas não temos razão para tanto. Nosso intelecto é totalmente incapaz de entender essas coisas. Não estamos psicologicamente desenvolvidos o suficiente para entender a verdade, a verdade extraordinária dos ritos e dos dogmas. Por isso esses dogmas nunca deveriam ser submetidos a qualquer tipo de crítica.

618 Por isso, quando trato de um verdadeiro cristão, de um verdadeiro católico, eu sempre o submeto ao dogma e digo: "Aferre-se a isso! E se você começar a criticá-lo intelectualmente sob qualquer aspecto, eu vou analisá-lo e aí você estará na pior". Quando um católico praticante me procura, eu lhe pergunto: "Você contou isso a seu confessor?" Ele dirá naturalmente: "Não, ele não entende disso". Digo-lhe então: "Mas, o que então você confessou?" Ele responde: "Coisas pequenas, sem importância", mas dos pecados principais nunca falou nada. Como disse, tive como clientes certo número desses católicos - seis. Fiquei orgulhoso de ter tantos e disse-lhes: "Você sabe que aquilo que contou é realmente sério. Agora vá a seu confessor e confesse isso; não importa se ele entende ou não. Isto deve ser levado à presença de Deus, mas se não o fizer você estará fora da Igreja; então começará a análise e as coisas vão esquentar; você estará melhor protegido no seio da Igreja". Como os senhores percebem, levei essas pessoas de volta à Igreja e recebi uma bênção especial do Papa por ter ensinado a alguns católicos proeminentes a maneira correta de confessar-se.

619 Houve, por exemplo, uma senhora que teve papel importante na guerra. Era católica fervorosa e costumava passar as férias de verão na Suíça. Existe aqui um célebre mosteiro com vários monges, e era para lá que se dirigia para confessar e receber aconselhamento espiritual. Sendo pessoa prendada, começou a interessar-se um pouco demais pelo confessor e este por sua vez começou a interessar-se um pouco demais por ela; e surgiu o conflito. Ele foi removido para a clausura e ela entrou naturalmente em colapso; sugeriram-lhe que me procurasse. Quando veio, estava cheia de revolta contra as autoridades que haviam interferido. Aconselhei-a a voltar aos seus superiores espirituais e confessar toda a situação. Ao voltar para Roma, onde morava e tinha um confessor, este lhe perguntou: "Já a conheço há muitos anos, como foi que agora a senhora faz uma confissão tão aberta?" E ela declarou que havia aprendido isto de um médico. Esta é a história que me levou a receber uma bênção especial e particular do Papa.

620 Minha posição neste assunto é a seguinte: Enquanto um paciente é deveras membro de uma Igreja, deve levar isto a sério. Deveria ser real e sinceramente um membro daquela Igreja e não ir ao médico para resolver seus conflitos quando acredita poder fazer isso com Deus. Quando, por exemplo, um membro do Grupo Oxford me procura para tratamento, eu lhe digo: "Você pertence ao Grupo Oxford; enquanto for membro dele, resolva seus assuntos com o Grupo. Não posso fazer nada melhor do que Jesus".

621 Gostaria de contar-lhes um caso desses. Um alcoólico histérico fora curado pelo movimento desse Grupo, e este o usou como uma espécie de caso-modelo. Mandaram-no viajar por toda a Europa, onde dava seu testemunho e dizia ter procedido mal, mas ter sido curado por esse movimento. Depois de haver contado vinte ou cinquenta vezes sua história, ficou cheio e recomeçou a beber. A sensação espiritual simplesmente desapareceu. O que fazer com ele? Agora dizem que se trata de um caso patológico e que ele precisa de um médico. No primeiro estágio foi curado por Jesus, no segundo, só por um médico! Tive que recusar o tratamento desse caso. Mandei-o de volta a essas pessoas e lhes disse: "Se vocês acreditam que Jesus curou este homem da primeira vez, ele o fará pela segunda vez. E se ele não o puder, vocês não estão supondo que eu possa fazê-lo melhor do que Jesus, não é?" Mas é exatamente o que pensam: quando uma pessoa é patológica, então Jesus não ajuda, só o médico pode ajudar.

622 Enquanto alguém acredita no movimento do Grupo Oxford, deve permanecer ali; e enquanto uma pessoa é da Igreja Católica, deve estar na Igreja Católica para o melhor e para o pior, e deveria ser curada através dos meios dela. E saibam os senhores que eu vi que as pessoas podem ser curadas por esses meios - é um fato. A absolvição e a sagrada comunhão podem curá-los, mesmo em casos bem sérios. Se a experiência da sagrada comunhão for real, se o rito e o dogma expressarem plenamente a situação psicológica do indivíduo, ele pode ser curado. Mas se o rito e o dogma não expressarem plenamente a situação psicológica do indivíduo, ele não pode ser curado. Eis a razão por que existe o protestantismo, por que ele é tão incerto, por que ele se divide tanto. Isto não é uma objeção ao protestantismo; é exatamente a mesma história que aquela do *Código de Napoleão*.

623 Após o *Código de Napoleão* estar em vigor por um ano, o homem encarregado de executar as ordens de Napoleão voltou com grande número de anotações. Diante de tantas propostas de mudanças, Napoleão encarou-o e perguntou: "Mas como? Quer dizer que o Código está morto?" ("Mais comment? Est-ce que le Code est mort?"). Mas o homem respondeu: "Ao contrário, senhor; ele vive" (Au contraire, Sire, il vit!).

624 A divisão do protestantismo em novas seitas - mais de quatrocentas - é sinal de vida. Mas infelizmente, no sentido eclesial, isto não é um belo sinal de vida, porque não há dogmas e nenhum rito. Falta a vida tipicamente simbólica.

625 A pessoa humana precisa de vida simbólica. E precisa com urgência. Nós só vivemos coisas banais, comuns, racionais ou irracionais - que naturalmente também estão dentro do campo de interesse do racionalismo, caso contrário não poderíamos chamá-las irracionais. Mas não temos vida simbólica. Onde vivemos simbolicamente? Em parte alguma, exceto onde participamos no ritual da vida. Mas quem de muitos de nós participa do ritual da vida? Muito poucos. E quando se olha para a vida ritual da Igreja protestante ela é quase nula. Até mesmo a sagrada comunhão foi racionalizada. Falo isso do ponto de vista suíço: na Igreja suíça de tradição zwingliana, a sagrada comunhão não é uma comunhão, mas um memorial. Também não há missa, não há confissão, não há ritual nem vida simbólica.

626 Algum dos senhores tem em sua casa um cantinho onde possa realizar os ritos, como se vê na Índia? Lá até as casas mais simples têm um canto separado com uma cortina onde os membros da família podem levar sua vida simbólica, onde podem fazer novos votos e meditar. Nós não temos isso, não temos um canto desses. Temos naturalmente nosso quarto, mas lá existe um telefone que pode tocar a qualquer hora, e temos de estar sempre preparados. Não temos tempo, não temos lugar. Onde estão em nosso meio aquelas imagens dogmáticas ou misteriosas? Em nenhum lugar. Temos é claro galerias de arte onde matamos os deuses às centenas. Roubamos das igrejas aquelas imagens misteriosas, imagens mágicas, e as colocamos em galerias de arte. Isto é pior do que a matança das trezentas crianças em Belém; isto é blasfêmia.

627 Portanto, não temos vida simbólica, mas temos necessidade premente dela. Somente a vida simbólica pode expressar a necessidade da alma - a necessidade diária da alma, bem entendido. E pelo fato de as pessoas não terem isso, não conseguem sair dessa roda viva, dessa vida assustadora, maçante e banal onde são "nada mais do que". No rito estão próximas de Deus; são até mesmo divinas. Pensemos apenas no sacerdote da Igreja Católica que está na divindade:

ele traz a si mesmo como sacrifício sobre o altar; ele mesmo se oferece como sacrifício. Fazemos nós isto? Onde temos consciência de fazer isto? Em lugar nenhum! Tudo é banal, tudo é "nada mais do que"; e por isso as pessoas são neuróticas. As pessoas estão simplesmente enfasiadas de tudo, dessa vida banal, e por isso querem sensações. Querem até uma guerra: todas querem uma guerra. Todas ficam felizes quando há uma guerra e dizem: "Graças a Deus, finalmente acontece algo - algo que é maior do que nós".

628 Estas coisas entram fundo e não é de admirar que as pessoas fiquem neuróticas. A vida é racional demais, não há existência simbólica em que sou outra coisa, em que desempenho um papel, o meu papel, como um ator no drama divino da vida.

629 Conversei certa vez com o mestre de cerimônias de uma tribo dos índios pueblo e ele me contou algo bem interessante. Disse ele: "De fato somos uma tribo pequena, e estes americanos querem interferir em nossa religião. Não deveriam fazer isso porque nós somos os filhos do Pai, o Sol. Aquele que está lá (apontando para o Sol) é o nosso Pai. Temos que ajudá-lo todo dia a despontar no horizonte e caminhar pelo céu. Nós o fazemos não só para nós mesmos, mas para toda a América, para o mundo todo. E se esses americanos interferirem em nossa religião com suas missões, eles vão ver uma coisa. Em dez anos o Pai Sol já não surgirá, pois já não poderemos ajudá-lo".

630 Os senhores talvez digam que isto é uma espécie de loucura mansa. Ledo engano. Essas pessoas não têm problemas. Elas têm sua vida de todo dia, sua vida simbólica. Levantam-se de manhã sentindo sua grande e divina responsabilidade: elas são os filhos do Sol, o Pai, e sua tarefa diária é ajudar o Pai a despontar no horizonte - não só para si mesmos mas para o mundo todo. Os senhores deveriam ver essas pessoas: elas têm uma dignidade plenamente natural. E eu o compreendi quando o índio me disse: "Repare nesses americanos: estão sempre procurando alguma coisa. Estão cheios de inquietação, sempre procurando, sempre na vã esperança de encontrar alguma coisa. O que estão procurando? Não há nada para ser procurado". Isto é verdade. Podemos ver os turistas viajantes sempre procurando alguma coisa, sempre na vã esperança de encontrar algo. Em minhas inúmeras viagens encontrei pessoas que já estavam na terceira viagem ao redor do mundo - ininterruptamente viajando. Sempre a caminho, procurando. Na África Central encontrei uma senhora que viera sozinha, de carro, da Cidade do Cabo e estava indo para o Cairo. Perguntei-lhe: "Por que está fazendo isso?" Fiquei surpreso ao ver seus olhos. Eram os olhos de um animal acuado sempre procurando, sempre esperando encontrar algo. Disse-lhe então: "O que a senhora procura? O que está esperando? Atrás de que está correndo?" Ela está quase possessa; está possuída por muitos demônios que a instigam sempre. E por que está possessa? Porque não leva uma vida que tenha sentido. Sua vida é total e grotescamente banal, muito pobre, sem sentido e sem qualquer objetivo. Se for assassinada hoje, nada aconteceu, nada desapareceu, porque ela não foi nada. Mas se pudesse dizer: "Eu sou a filha da Lua. Toda noite preciso ajudar a Lua, minha mãe, a surgir no horizonte" - isto seria outra coisa! Então ela viveria, então sua vida teria sentido em todo tempo e para toda a humanidade. Isto traz paz, quando as pessoas sentem que estão vivendo a vida simbólica, que são atores do drama divino. Unicamente isto dá sentido à vida humana; tudo o mais é banal e pode ser dispensado. Uma carreira ou a geração de filhos, tudo é *maya* comparado com esta única coisa: que nossa vida tenha sentido.

631 Este é o segredo da Igreja Católica: até certo ponto ela pode viver a vida com sentido. Por exemplo, se uma pessoa pode assistir diariamente ao sacrifício do Senhor e participar de sua substância, fica repleta de deidade e repete todos os dias o sacrifício eterno de Cristo. O que estou dizendo são apenas palavras, mas para a pessoa que vive isto realmente significa o mundo inteiro. Significa mais do que o mundo todo, porque faz sentido para ela. Isto exprime o desejo da alma; exprime os fatos reais de nossa vida inconsciente. Quando o sábio diz: "A natureza exige a morte", ele quer dizer exatamente isso.

632 Creio que podemos agora passar à questão seguinte. Aquilo que falei acima refere-se infelizmente em grande parte ao passado. Não podemos fazer a roda do tempo girar para trás; não podemos voltar ao simbolismo que faz parte do passado. Assim que nos certificamos de que

algo é simbólico, dizemos logo: "Pois é, então isso provavelmente significa outra coisa". A dúvida o matou e o engoliu. Por isso não é possível voltar. Já não posso voltar à Igreja Católica, já não posso experimentar o milagre da missa; sei demais sobre isso. Sei que é verdade, mas é a verdade numa forma já não aceitável para mim. Não posso dizer: "Este é o corpo do Senhor" e nem vê-lo. Simplesmente não consigo. Isto já não é uma verdade para mim; não exprime minha disposição psicológica. Minha disposição psicológica exige outra coisa. Preciso de uma situação em que o todo se tome outra vez verdade. Preciso de uma forma nova. Quando se teve a infelicidade de ser excluído de uma Igreja, ou quando saímos espontaneamente dizendo: "Tudo isso é bobagem", nisso não reside mérito algum. Mas ser membro dela e sentir-se forçado, digamos, por Deus a abandoná-la - então sim estamos legitimamente *extra ecclesiam*. Mas "*extra ecclesiam nulla salus*" (fora da Igreja não há salvação), então as coisas ficam realmente terríveis, porque não estamos mais protegidos, não estamos mais no *consensus gentium* (consenso dos povos), não estamos mais no seio da mãe compassiva. Estamos sós, e todas as forças do inferno estão soltas. Isto é o que as pessoas não sabem. Por isso dizem que temos neuroses de ansiedade, medos noturnos, compulsões e tantas coisas mais. A alma ficou solitária; ela está *extra ecclesiam* e num estado de não salvação. E as pessoas não sabem disso. Consideram seu estado patológico e os médicos confirmam esta suposição. Quando eles o dizem e quando todos são da mesma opinião de que isto é neurótico e patológico, então temos de entrar nessa linguagem. Eu falo a linguagem de meus pacientes. Quando falo com loucos, uso a linguagem dos loucos, caso contrário eles não entendem. E quando falo com neuróticos, uso sua linguagem neurótica. Mas é falatório neurótico se alguém disser que isto é uma neurose. Na verdade é bem outra coisa: é o terrível medo da solidão. É a alucinação da solidão e é uma solidão que não pode ser mitigada por nada. Podemos ser membros de uma sociedade com milhares de membros, e assim mesmo sermos sós. Aquilo dentro de nós que deveria viver está só; ninguém o toca e ninguém o conhece, nem mesmo nós próprios. Mas ele continua agitando, perturba, desassossega e não dá descanso.

633 Como vêm, fui simplesmente forçado por meus pacientes a tentar encontrar uma saída para tal sofrimento. Não pretendo fundar uma religião e nada sei a respeito de uma religião do futuro. Sei apenas que em certos casos acontecem tais e tais coisas. Tomemos, por exemplo, um caso qualquer: quando vou bastante fundo, se o caso o exigir ou se algumas circunstâncias forem favoráveis, posso observar certas coisas evidentes como, por exemplo, que os fatos inconscientes vêm à superfície e se manifestam de forma ameaçadora. Isto é muito desagradável. Por isso FREUD teve que inventar um sistema para proteger a si mesmo e as outras pessoas contra a realidade do inconsciente, dando uma explicação altamente deficitária dessas coisas, uma explicação que sempre começa com "nada mais do que". A explicação de cada sintoma neurótico já é conhecida há muito tempo. Temos uma teoria a respeito: tudo se deve a uma fixação no pai ou na mãe; tudo é bobagem e por isso pode ser rejeitado. Mas, fazendo assim, estamos rejeitando nossas almas. "Estou com fixação em minha mãe; quando entender todas as possíveis fantasias que tenho com minha mãe, ficarei livre dessa fixação". Se o paciente o conseguir, terá perdido sua alma. Cada vez que alguém aceitar esta explicação, terá perdido sua alma. Não ajudará à sua alma; apenas substituirá sua alma por uma explicação, uma teoria.

634 Lembro-me de um caso bem simples.² Era uma estudante de filosofia, mulher muito inteligente. Isso aconteceu quase no início de minha carreira, quando eu era um médico recém-formado e não conhecia nada além dos ensinamentos de FREUD. Tratava-se de um caso de neurose não muito grave, e eu estava plenamente convencido de que poderia ser curado; mas não foi o que aconteceu. A moça havia desenvolvido uma terrível transferência de pai para mim - projetou em mim a figura do pai. Disse-lhe eu: "Como pode ver, eu não sou seu pai". Ela respondeu: "Eu sei que não é meu pai, mas sempre parece que o senhor é meu pai". Ela agia de acordo com isso e se apaixonou por mim; tomei-me seu pai, irmão, filho, amante, marido e, evidentemente, seu herói e salvador - tudo que se pudesse imaginar. Eu lhe disse: "Você vê que tudo isso é absurdo". Ela retrucou: "Mas não consigo viver sem isso". O que poderia eu fazer?

² Cf. JUNG, *O eu e o inconsciente*, par. 206s.

Uma explicação depreciativa não ajudaria. Ela disse: "O senhor pode dizer o que quiser; o fato é este". Ela estava nas garras de uma imagem inconsciente. Tive então uma idéia: "Se alguém sabe alguma coisa sobre isso, deve ser o inconsciente que criou uma situação tão desagradável". Comecei então a observar com seriedade os sonhos dela, não para captar certas fantasias, mas para entender realmente como seu sistema psíquico reagia a uma situação tão anormal- ou a uma situação tão normal, se quisermos, pois esta situação é comum. Nos sonhos dela eu apareci como o pai. Analisamos estes sonhos. Depois apareci como amante e até como marido - tudo na mesma linha. Comecei então a mudar de estatura: eu era maior do que o comum dos seres humanos; algumas vezes tinha até atributos divinos. Pensei comigo: "Esta é a velha idéia do salvador". E a partir de então fui assumindo as formas mais divertidas. Apareci, por exemplo, na forma de um deus, no meio de uma campina, segurando-a nos braços como se ela fosse uma criança; o vento soprava sobre o trigal e os campos ondulavam como vagas e eu a embalava nos braços da mesma forma. Quando tomei conhecimento dessa imagem, pensei: "Agora entendo o que o inconsciente quer: quer transformar-me num deus; a moça precisa de um deus - ao menos o seu inconsciente precisa dele". Seu inconsciente queria encontrar um deus e, como não pudesse encontrá-lo, ele diz: "Dr. Jung é um deus". Disse, pois, a ela: "Certamente não sou um deus, mas o seu inconsciente precisa de um deus. É uma necessidade séria e autêntica. Nenhuma época antes da nossa satisfiz esta necessidade; você é apenas uma doida intelectual, assim como eu, mas não o sabemos". Isto mudou completamente a situação e provocou uma diferença colossal. Eu curei aquele caso porque satisfiz a necessidade do inconsciente.

635 Posso narrar-lhes outro caso. A paciente era uma jovem judia. Era muito cômica, elegante e agradável - e eu pensei: "Que coisinha mais fútil!" Ela sofria de uma neurose terrível, uma neurose de ansiedade com terríveis ataques de medo; sofria disso há anos. Esteve antes em tratamento com outro analista e o deixou com a cabeça virada: ele se apaixonou por ela e não a ajudou em nada. A moça veio procurar-me. Na noite anterior - eu nunca a tinha visto antes - tive um sonho *em que uma jovem muito bonita me procurou e eu não conseguia entender nada de seu caso. De repente pensei: "Caramba! Ela tem um complexo fabuloso de pai!" Considerei isso uma espécie de revelação.* Fiquei muito impressionado com o sonho, mas não atinava a que ele pudesse referir-se. Quando, no dia seguinte, a moça apareceu, pensei logo no meu sonho: "Talvez seja ela". Contou-me sua história. Não consegui entender do que se tratava, mas pensei: "Não se trataria de um complexo de pai?" Nada me indicava que fosse um complexo de pai, mas ocorreu-me perguntar-lhe algo mais detalhado sobre a história de sua família. Descubri que era de uma família hassídica - família de grandes místicos. Seu avô havia sido uma espécie de rabi milagroso - tinha uma segunda face. Seu pai rompeu com esta comunidade mística e ela era totalmente cética e exclusivamente científica em sua visão do mundo. Era uma pessoa muito inteligente, com aquela espécie de intelecto assassino, muito encontrado entre os judeus. Pensei comigo: "O que isto tem a ver com sua neurose? Por que sofre de um medo tão profundo?" Então lhe falei: "Preste atenção, vou dizer-lhe algo que você provavelmente considerará tolice: você tornou-se infiel ao seu Deus. Seu avô levou uma vida agradável a Deus, mas você é pior do que um herege; você traiu o mistério de sua raça. Você pertence ao povo eleito, e que vida você está levando? Não admira, pois, que você tenha medo de Deus, que sofra por causa do medo de Deus".

636 Dentro de uma semana, eu havia curado sua neurose de ansiedade; e isto não é mentira (estou muito velho para mentir) - é um fato. Antes ela se havia submetido a meses e meses de análise, mas tudo era muito racional. Minha observação foi a virada, como se de repente tivesse compreendido tudo e toda sua neurose desapareceu. Ela havia perdido o sentido das coisas: estava baseada no erro de que poderia viver apenas com seu miserável intelecto num mundo perfeitamente banal, quando na verdade ela era uma filha de Deus e poderia ter vivido a vida simbólica; ali teria preenchido o desejo secreto que existia dentro dela, que era também o de sua família. Tinha esquecido tudo isso e estava vivendo em plena contradição com todo o seu sistema natural. De repente sua vida passou a ter sentido e ela pôde viver novamente. Toda a sua neurose se esboroou.

637 Em outros casos não é tão simples (aliás, não foi tão fácil assim). Não darei outros detalhes desse caso. Foi um caso muito instrutivo, mas prefiro trazer casos em que as coisas não são tão simples, onde é preciso guiar as pessoas com vagar e esperar por muito tempo que o inconsciente crie os símbolos que as tragam de volta à vida simbólica original. Para tanto é preciso conhecer muita coisa sobre a linguagem do inconsciente, sobre a linguagem dos sonhos. Então poderemos ver as imagens extraordinárias que os sonhos produzem. Estas imagens são encontradas na história sob nomes diferentes. A quantidade delas é ignorada, mas encontramos-las numa literatura que, como tal, é obsoleta. Quando conhecemos por acaso estes símbolos, podemos explicar aos pacientes a intenção do inconsciente.

638 Naturalmente não posso descrever de todo essas coisas, apenas mencioná-las. Baseado em minhas observações, sei que o moderno inconsciente tem a tendência de criar um estado psicológico que encontramos, por exemplo, no misticismo medieval. Encontramos certas coisas no Mestre ECKHART; encontramos muita coisa no gnosticismo, isto é, uma espécie de cristianismo esotérico. Encontramos em toda pessoa a idéia do Adão Cadmon - o Cristo em nós. Cristo é o segundo Adão, o que corresponde nas religiões orientais à idéia do atmã ou do homem total, do homem original, o homem "todo redondo" de PLATÃO - que é simbolizado por um círculo ou por uma pintura com motivos redondos. Encontramos todas essas idéias na mística medieval, na literatura alquimista em geral, desde o primeiro século da era cristã. Encontramos-las no gnosticismo e encontramos muitas delas naturalmente no *Novo Testamento*, em Paulo. Mas é um desenvolvimento absolutamente consistente da idéia de Cristo em nós - não o Cristo histórico fora de nós, mas o Cristo dentro de nós; e o argumento diz que é imoral deixar Cristo sofrer por nós, que ele já sofreu que chega e que devemos finalmente carregar nossos próprios pecados e não colocá-los sobre Cristo - nós todos deveríamos carregá-los em conjunto. Cristo expressa a mesma idéia quando diz: "Eu estou presente no menor de vossos irmãos".³ E o que dizer, meu caro, se o menor de teus irmãos fosse você mesmo - o que dizer então? Então você percebe que Cristo não deveria ser o menor em sua vida e que nós temos um irmão dentro de nós que é realmente o menor de nossos irmãos, muito pior que o pobre mendigo a quem demos comida. Isto significa que temos dentro de nós uma sombra, alguém muito mau, alguém extremamente pobre, mas que precisa ser aceito. O que fez Cristo - sejamos bem banais - quando o consideramos como ser puramente humano? Cristo foi desobediente à sua mãe; Cristo desobedeceu à sua tradição; Cristo se apresentou como enganador e representou esse papel até o amargo fim; ele sustentou sua hipótese até seu triste fim. Como nasceu Cristo? Na maior miséria. Quem era seu pai? Era filho ilegítimo - do ponto de vista humano, uma situação lamentável: uma pobre moça que tinha um filho pequeno. Isto é o nosso símbolo, isto somos nós; nós somos tudo isto. E se alguém viver sua própria hipótese até o amargo fim (e tiver que pagar talvez com a morte), saberá que Cristo é seu irmão.

639 Isto é psicologia moderna, isto é o futuro. Este é o verdadeiro futuro, este é o futuro que eu conheço - mas o futuro histórico pode ser bem diferente. Não sabemos se será a Igreja Católica que vai colher os frutos do que agora estamos semeando. Não sabemos se Hitler vai fundar um novo islã (Está no melhor dos caminhos para isto; ele é como Maomé. O sentimento na Alemanha é islâmico; guerreiro e islâmico. Estão todos embriagados de um deus feroz). Isto pode ser o futuro histórico. Mas eu não estou absolutamente interessado num futuro histórico; nem um pouco. O que me interessa exclusivamente é a realização daquela vontade que vive em cada pessoa. Minha história é somente a história daquelas pessoas que irão realizar sua hipótese. Este é todo o problema; este é o problema dos fiéis índios pueblo: fazer hoje todo o necessário para que meu Pai possa surgir no horizonte. Este é o meu ponto de vista. Pois bem, acho que falei o suficiente.

³ Cf. Mt 25,40.

DISCUSSÃO

Cônego H. England:

640 No rito da Igreja na Inglaterra, dizemos após a santa comunhão: "Aqui oferecemos e apresentamos a vós, Senhor, a nós mesmos de corpo e alma como um sacrifício salutar, santo e vivo". Este é o sacrifício e o ritual que satisfaria as condições que o senhor exige, não é?

Prof. Jung:

641 Sem dúvida. A Igreja anglicana tem aqui uma grande vantagem. Ela não representa todo mundo protestante, nem é tão protestante na Inglaterra.

O Bispo de Southwark:

642 A questão é se podemos falar dela como pertencendo ao mundo protestante.

Prof. Jung:

643 Mas eu chamaria a Igreja anglicana de verdadeira Igreja. O protestantismo em si não é Igreja.

O Bispo de Southwark:

644 Há, porém, outras partes do mundo protestante que têm igrejas. Temos, por exemplo, os luteranos na Suécia; podemos considerá-los um exemplo de Igreja reformada. Suas condições são mais ou menos as nossas. O senhor já teve algum contato com o rito ortodoxo? O rito russo produz o mesmo efeito?

Prof. Jung:

645 Temo que, devido aos acontecimentos históricos, tenha havido uma interrupção. Tive contato com algumas pessoas ortodoxas e, infelizmente, já não eram muito ortodoxas.

O Bispo de Southwark:

646 Encontrei em Paris uma colônia de exilados russos que se esforçavam ao máximo para conservar viva e quase sem modificação alguma a antiga religião russa.

Prof. Jung:

647 Nunca encontrei um verdadeiro membro da Igreja ortodoxa, mas como eles praticam a vida simbólica nessa igreja, estou plenamente convencido de que estão corretos.

O Bispo de Southwark:

648 Os anglicanos estão mais em contato com os ortodoxos do que com os católicos que nos parecem simbólicos demais - não enfrentam com suficiente determinação os fatos dos quais deveriam cuidar. Eles possuem uma espécie de psicologia do exílio - um mundo só deles - e eu temo esta psicologia para alguns de nossos próprios membros que procuram refúgio no simbolismo em vez de assumir sua responsabilidade.

Prof. Jung:

649 É possível enganar usando a melhor das verdades; é possível enganar com tudo. Assim há pessoas que procuram refúgio ilegítimo no simbolismo. Por exemplo, há mosteiros cheios de pessoas que fogem da vida e de suas obrigações, vivendo a vida simbólica - a vida simbólica de seu passado. Tais enganos são sempre castigados, mas é um fato que elas o suportam de alguma forma, sem ficar neuróticas demais. Na vida simbólica há um valor específico. É um fato que os australianos primitivos lhe dedicam dois terços de seu tempo disponível - tempo de vida em que estão conscientes.

O Bispo de Southwark:
650 O rei Alfredo, o Grande, fez algo semelhante.

Prof. Jung:
651 Sim, este é o segredo das civilizações primitivas.

O Bispo de Southwark:
652 Era um homem muito prático, com influência civilizadora.

Prof. Jung:
653 Sim, pois o simples fato de alguém viver a vida simbólica tem uma influência extraordinariamente civilizadora. Essas pessoas são bem mais civilizadas e criativas por causa da vida simbólica. As pessoas apenas racionais têm pouca influência; tudo nelas se resume a discurso e com discurso não se vai longe.

Cônego England:
654 Mas os símbolos também podem apelar à razão, a uma razão esclarecida.

Prof. Jung:
655 Podem sim! Os símbolos criam muitas vezes uma extraordinária intensidade de vida mental, inclusive de vida intelectual. Se perpassarmos a literatura patrística encontraremos montanhas de emoção, tudo escondido sob o simbolismo.

Revdo. D. Glan Morgan:
656 Mas o que devem fazer os protestantes agora, especialmente nós os da esquerda - as Igrejas livres - os não-conformistas? Não temos símbolo algum. Nós os rejeitamos de plano. Nossas igrejas são mortas, nossos púlpitos são tribunas de discursos.

Prof. Jung:
657 Perdoe-me, os senhores ainda têm muitos símbolos. Os senhores não falam de Deus ou de Jesus? Vejam bem, o que poderia ser mais simbólico? Deus é o símbolo dos símbolos.

Mr. Morgan:
658 Mesmo este símbolo se toma uma contradição. Há muitas pessoas em nossas igrejas que conseguem acreditar em Jesus, mas não em Deus.

Prof. Jung:
659 É certo! Também na Igreja Católica há muitos que acreditam na Igreja, mas não em Deus, nem em outra coisa qualquer.

O Bispo de Southwark:
660 Até onde isso tem a ver alguma coisa? A Igreja Católica romana não tem apenas um sistema completo de símbolos, mas ele está vinculado à confissão da certeza absoluta - o dogma da infalibilidade. Isto deve ter influência direta sobre o valor dos símbolos.

Prof. Jung:
661 Isto é importante. A Igreja está absolutamente certa, totalmente certa em insistir nesta validade incondicional, caso contrário abriria as portas para a dúvida.

Dr. Ann Harling:
662 Também para o conflito e a neurose?

Prof. Jung:
663 Sem dúvida. Por isso "extra ecclesiam nulla salus".

O Bispo de Southwark:
664 Todas as formas de conflito são neuroses?

Prof. Jung:
665 Somente quando o intelecto se afasta daquela observância simbólica. Quando o intelecto não está a serviço da vida simbólica, ele se torna demoníaco; ele toma a pessoa neurótica.

Mr. Morgan:
666 Poderia haver uma transição, uma passagem de um sistema para outro, e isto não seria neurótico?

Prof. Jung:
667 A neurose é uma fase transitória; é a intranquilidade entre duas posições.

Mr. Morgan:
668 Pergunto isso porque sinto atualmente que há grande quantidade de neurose entre os protestantes por causa do preço que se deve pagar ao passar-se de um estado para outro.

Prof. Jung:
669 É justamente isso que quero dizer com "extra ecclesiam nulla salus". A pessoa entra numa fria muito grande quando abandona a Igreja; por isso não desejo isso a ninguém. Insisto na validade da Igreja original.

O Bispo de Southwark:
670 O que fazer com a grande maioria das pessoas com que temos de lidar que não pertencem a nenhuma Igreja? Elas dizem que são da Igreja anglicana, mas não pertencem a ela em nada.

Prof. Jung:
671 Receio que nada se pode fazer com essas pessoas. A Igreja está aí e é válida para os que estão nela. Os que estão fora das paredes da Igreja não podem ser trazidos de volta por meios comuns. Mas gostaria que o clero entendesse a linguagem da alma e que o clérigo fosse um *diretor de consciência*. Por que seria eu um diretor de consciência? Eu sou médico e não tenho preparo para isso. Trata-se de uma vocação natural do clérigo; ele deveria fazê-lo. Por isso gostaria que surgisse uma nova geração de pessoas do clero que fizessem o mesmo que se faz na Igreja Católica: tentar traduzir a linguagem do inconsciente, inclusive a linguagem dos sonhos, para uma linguagem inteligível. Sei, por exemplo, que existe agora na Alemanha o Círculo de Berneuchen,⁴ um movimento litúrgico cujo representante principal é um homem com grande conhecimento dos símbolos. Ele me deu uma série de casos que pude comprovar, em que traduziu, com grande êxito, para a linguagem dogmática as imagens dos sonhos, e estas pessoas voltaram calmamente para o ordenamento da Igreja. Alguns de nossos neuróticos não têm nenhuma desculpa e nenhum direito de ser neuróticos. Eles pertencem a uma Igreja, e se a gente conseguir que eles voltem à Igreja, nós os teremos ajudado. Muitos de nossos pacientes se tornaram católicos, outros voltaram à sua Igreja original. Mas isto deve ser algo que tenha substância e forma. Não é verdade que toda pessoa que analisamos dê forçosamente um pulo no futuro. Tal vez ela seja determinada por uma Igreja e, se puder voltar à Igreja, talvez isto seja o melhor que lhe possa acontecer.

⁴ Um movimento protestante alemão, fundado em Berneuchen, Neumark, que buscava um aprofundamento da vida religiosa.

Mr. Morgan:
672 E se ela não puder?

Prof. Jung:
673 Aí o caso é problemático. A pessoa tem que sair procurando; tem que descobrir o que sua alma diz; tem que atravessar a solidão de uma terra ainda deserta. Publiquei este exemplo - o de um grande cientista, muito famoso e que ainda vive.⁵ Ele queria saber o que o inconsciente lhe dizia e conseguiu uma pista admirável. Este homem entrou na linha de novo porque aceitou aos poucos os dados simbólicos e agora leva uma vida religiosa, a vida de um atento observador. A religião consiste na observação atenta dos dados. Ele agora observa todas as coisas que lhe são trazidas pelos sonhos; este é o seu único guia.

674 Com isso estamos num novo mundo: somos exatamente como os primitivos. Quando fui à África Oriental, cheguei a uma pequena tribo no monte Elgon e perguntei ao curandeiro sobre os sonhos. Ele disse: "Eu sei o que o senhor pensa. Meu pai ainda teve sonhos". "E o senhor não tem sonhos?", perguntei. Ele se pôs a chorar e respondeu: "Não, já não tenho sonhos". Perguntando-lhe por que e ele respondeu: "Desde que os ingleses chegaram ao país, o comissário do distrito sabe quando vai haver guerra, quando haverá doenças, sabe onde nós devemos viver - ele não permite que saíamos daqui". Agora a orientação política é dada pelo comissário distrital, a inteligência superior do homem branco. Portanto, para que ter sonhos? Os sonhos eram a orientação original do homem na grande escuridão. Leiam o livro de RASMUSSEN sobre os esquimós do Pólo.⁶ Ele descreve como um curandeiro se tomou chefe de sua tribo por causa de uma visão. Quando uma pessoa vive em lugares selvagens, a escuridão traz os sonhos - "sonnia a Deo missa" - que a orientarão. Sempre foi assim. Eu não fui conduzido por nenhuma espécie de sabedoria; fui conduzido por sonhos, como qualquer primitivo. Tenho vergonha de dizê-lo, mas sou tão primitivo como qualquer africano, porque nada sei. Quando alguém está no escuro, ele agarra a primeira coisa à mão e esta coisa é o sonho. E podemos estar certos de que o sonho é o nosso amigo mais chegado. O sonho é o amigo daqueles que já não são orientados pela verdade tradicional e, por isso, estão isolados. Este foi o caso dos antigos filósofos alquimistas. No *Tractatus aureus*, de HERMES TRISMEGISTO, encontramos uma passagem que confirma o que eu disse sobre o isolamento: "(Deus) in quo est adiuuatio cuiuslibet sequestrati" (Deus, em quem está a ajuda daqueles que estão isolados).⁷ Hermes era ao mesmo tempo um verdadeiro diretor de almas e a própria encarnação da inspiração, representando assim o inconsciente manifesto nos sonhos. Os senhores podem ver que aquele que caminha sozinho e não tem orientação, esse tem os *somnia a Deo missa*; ele não tem comissário distrital. É claro que, quando temos um comissário desses, não precisamos de sonho, mas, quando estamos *sós*, a coisa é diferente.

O Bispo de Southwark:
675 Um católico praticante tem um comissário distrital, uma autoridade, e não precisa de sonhos.

Prof. Jung:
676 Concordo! Contudo, há pessoas na Igreja que têm *somnia a Deo missa*, e a Igreja é bastante cuidadosa em apreciar a importância desses sonhos. Ela não nega o fato de haver *somnia a Deo missa*; a Igreja se reserva o direito de julgar, mas leva em consideração esses sonhos.

⁵ Cf. "Símbolos oníricos do processo de individuação", em *Psicologia e alquimia*, parte II.

⁶ KNUD RASMUSSEN, *A Wizard and His Household*.

⁷ As duas edições do texto, encontradas na biblioteca de Jungem Küssnacht (1566, p. 14, 1702, p. 415a; cf. bibliografia), trazem o termo "adunatio" em vez de "adiuuatio".

Tenente-coronel H.M. Edwards:
677 Os padres católicos são treinados para ser psicoterapeutas?

Prof. Jung:
678 Sim.

Tenente-coronel Edwards:
679 Mas não aqui na Inglaterra.

Prof. Jung:
680 Não, mas os jesuítas sim. Por exemplo, o confessor-mor em Jena é um jesuíta treinado em psicoterapia.

Dr. A.D. Belilios:
681 Na escola junguiana?

Prof. Jung:
682 Em todas as escolas. Creio que ele não vá tão longe quanto eu. Perguntei-lhe sobre sua opinião quanto aos sonhos e ele disse: "Bem, temos que ser cuidadosos e nós *somos* um pouco reticentes. Temos o auxílio da graça da Igreja". "Correto - disse eu - o senhor não precisa de sonhos. Eu não posso dar absolvição. Não tenho os meios da graça, por isso devo ouvir os sonhos. Eu sou um primitivo e o senhor um homem civilizado". Em certo sentido, esse homem é mais admirável do que eu. Ele pode ser um santo; eu não posso sê-lo. Posso apenas ser um africano muito primitivo e agarrar-me ao que está mais próximo - bastante supersticioso.

Tenente-coronel aviador T.S. Rippon:
683 O que o senhor acha da questão da vida após a morte?

Prof. Jung:
684 Ainda não estive lá conscientemente. Quando morrer, direi: "Agora vamos ver". No tempo presente tenho esta forma e digo: "O que temos aqui? Vamos fazer tudo que pudermos *aqui*". Se após a morte eu perceber que há nova vida, direi: "Vamos viver outra vez - encore une fois". Eu nada sei sobre isso, mas posso dizer-lhe: o inconsciente não conhece tempo. Parte de nossa psique não está no tempo nem no espaço. Espaço e tempo são meras ilusões, e assim não existe tempo para determinada parte de nossa psique.

Mr. Derek Kitchin:
685 O senhor escreveu em algum lugar que para muitas pessoas a crença numa vida futura era necessária para sua saúde psicológica.

Prof. Jung:
686 Sim. Perderíamos o equilíbrio se não considerássemos a imortalidade, quando os sonhos confrontam alguém com o problema; então deveríamos decidir. Se eles não o fazem, deixe ficar como está. Mas se eles o confrontarem, é preciso dizer: "Preciso descobrir o que sinto a respeito. Digamos que não existe algo como imortalidade, nenhuma vida após a morte: o que passarei a sentir então? Como viverei com esta convicção?" Neste caso talvez seu estômago comece a criar problemas. Então você diz: "*Digamos* que eu seja imortal" e aí você se sente bem e chega a esta conclusão: "Isto deve estar certo". Como podemos saber? Como sabe um animal que o bocado de capim que comeu não é venenoso? E como sabem os animais que algo é venenoso? Eles adoecem. É assim que conhecemos a verdade: a verdade é aquilo que nos ajuda a viver - a *viver adequadamente*.

Revdo. *Francis Boyd*:
687 Aquilo que *funciona*: o teste pragmático.

Prof. Jung:
688 Aquilo que realmente *funciona*. Não tenho opinião formada sobre essas coisas. E, como poderia? Sei apenas que vivo erradamente se *viver* de certa forma. E se viver de outra forma, então *sei* que vivo corretamente. Quando, por exemplo, os índios pueblo acreditam que são filhos do Pai Sol, então está tudo em ordem com eles. Por isso eu digo: "Eu desejaria poder ser um filho do Sol". Mas, infelizmente, não dá. Não posso fazer isso. Meu intelecto não o permite. Devo, portanto, encontrar outra forma para mim. Mas eles estão certos. Seria o maior erro dizer a esta gente que eles não são filhos do Sol. Eu tentei, por exemplo, usar o argumento de santo AGOSTINHO: "Deus não é o sol, mas é aquele que fez o Sol".⁸ Mas o meu interlocutor pueblo entrou num estado de pânico. Ele considerou isso a mais tremenda das blasfêmias e disse: "Este é o Pai; não há outro Pai por trás dele. Como podemos pensar num Pai que não vemos?" E enquanto *viverem* nessa crença, ela será verdadeira. Tudo que *vive* na terra é *verdadeiro*. Assim, o dogma *cristão* é *verdadeiro*, mais verdadeiro do que possamos imaginar. Nós nos julgamos mais espertos. Enquanto não o entendemos, enquanto não percebermos até onde isto pode levar, não temos razão para negá-lo. Quando vemos que estamos fora, então temos o que chamamos de ponto de vista superior. Isto é outra coisa. A análise é apenas um meio de tomarmos consciência de nossa *perplexidade*. Todos estamos à procura.

O Bispo de Southwark:
689 Diria o senhor o mesmo dos nazistas e muçulmanos, afirmando que estão certos em continuar na sua fé?

Prof. Jung:
690 Deus é terrível. O Deus vivo é um medo vivo. Considero que Maomé foi um instrumento para aquele povo. Por exemplo, todas as pessoas repletas de um poder misterioso são sempre muito desagradáveis para os outros. Estou convencido de que algumas pessoas no *Antigo Testamento* eram bem desagradáveis.

Revdo. W. Hopkins:
691 Há e sempre houve um conflito entre ciência e religião. Atualmente este conflito não é tão agudo como antigamente. Como conseguir uma conciliação que seja obviamente aquilo que precisamos?

Prof. Jung:
692 Não há conflito entre religião e ciência. Trata-se de uma idéia bem antiquada. A ciência deve ocupar-se do que existe. Há religião, e ela é uma das manifestações mais essenciais do espírito humano. É um fato, e a ciência não tem nada a dizer sobre isso. Ela apenas deve confirmar que existe esse fato. A ciência sempre corre atrás dessas coisas; ela não procura explicar os fenômenos. A ciência não pode estabelecer uma verdade religiosa. A verdade religiosa é essencialmente uma experiência, não é uma opinião. A religião é uma experiência absoluta. Uma experiência religiosa é absoluta, portanto não pode ser discutida. Quando alguém, por exemplo, teve uma experiência religiosa, então ele a teve e ninguém pode tirá-la dele.

Mr. Hopkins:
693 No século XIX os cientistas eram mais propensos ao dogmatismo do que hoje em dia. Rejeitavam toda e qualquer religião como uma ilusão. Mas atualmente eles a admitem e eles mesmos a experimentam.

⁸ *In Johannis Evangelium XXXIV, 2, col. 2037, tomo III/2.*

Prof. Jung:

694 Nossa ciência é fenomenologia. No século XIX a ciência trabalhava na ilusão de que ela podia estabelecer uma verdade. Nenhuma ciência pode estabelecer uma verdade.

Mr. Hopkins:

695 Mas é a ciência do século XIX que o povo comum tem hoje em dia. Este é o nosso problema.

Prof. Jung:

696 Sim, esta é a situação. Ela penetrou até as camadas mais baixas da população e fez um mal imenso. Quando os asnos se apoderam da ciência, isto é terrível. Estas são as maiores epidemias mentais de nossa época. É tudo uma tremenda loucura.

FIM.